



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - INGLÊS**

MARIA EDUARDA HIPÓLITO DA COSTA

**O PAPEL DA MULHER NO SÉCULO XVIII COM BASE NA OBRA “ORGULHO E
PRECONCEITO” DE JANE AUSTEN**

**CAMPINA GRANDE
2021**

MARIA EDUARDA HIPÓLITO DA COSTA

**O PAPEL DA MULHER NO SÉCULO XVIII COM BASE NA OBRA “ORGULHO E
PRECONCEITO” DE JANE AUSTEN**

Trabalho de conclusão de curso (artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras - Inglês.

Área de concentração: Literatura Inglesa

Orientador: Prof. Me. Joselito Porto de Lucena

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837p Costa, Maria Eduarda Hipolito da.
O papel da mulher no Século XVIII com base na obra
"Orgulho e preconceito" de Jane Austen [manuscrito] / Maria
Eduarda Hipolito da Costa. - 2021.
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Joselito Porto de Lucena ,
Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Análise literária. 2. Literatura inglesa. 3. Mulher. I. Título
21. ed. CDD 801.95

MARIA EDUARDA HIPÓLITO DA COSTA

O PAPEL DA MULHER NO SÉCULO XVIII COM BASE NA OBRA "ORGULHO E
PRECONCEITO" DE JANE AUSTEN

Trabalho de conclusão de curso (artigo)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras Inglês, da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduanda em
Letras - Inglês

Área de concentração: Literatura Inglesa

Aprovada em: 30/11/2021



Prof. Me. Joselito Porto de Lucena (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 8,5



Profa. Ma. Marília Bezerra Cacho Brito
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 8,5



Prof. Dr. Valécio Irineu Barros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 8,5

MÉDIA FINAL: 8,5

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 EMBASAMENTO TEÓRICO	5
2.1 Aspectos da obra e vida da autora	5
2.1.1 Seus personagens	7
2.2 Um olhar sobre a relação entre a mulher e o casamento no século XVIII	7
2.3 O poder do patriarcado sobre a mulher	8
2.4 O Feminismo na sociedade inglesa	10
3 METODOLOGIA	11
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
4.1 Casamento	13
4.2 Patriarcado	14
4.3 Feminismo	15
5 CONCLUSÃO	15
REFERÊNCIAS	16

O PAPEL DA MULHER NO SÉCULO XVIII COM BASE NA OBRA “ORGULHO E PRECONCEITO” DE JANE AUSTEN

Maria Eduarda Hipólito da Costa¹

RESUMO

O século XVIII foi registrado em livros e contos por diversos escritores. Dentre eles, destacamos Jane Austen, um grande nome do meio literário deste período. Através de uma literatura com grande foco em personagens femininas, ela criou histórias que nos possibilitam imaginar como vivia a sociedade inglesa naquela época. Desta forma, este trabalho tem como objetivo analisar sua obra “Orgulho e Preconceito” (1813) - um romance no qual é contada a história da família Bennet, composta por marido, mulher e cinco filhas. Com isso, faremos um aprofundamento sobre a identidade da mulher através da discussão dos padrões levantados na obra, como por exemplo: a importância do casamento; a compreensão acerca de como a mulher desempenhava o seu papel, assim como os seus objetivos de vida e suas obrigações; investigar como era o poder e a influência do patriarcado na sociedade; relacionar a obra ao feminismo. Por fim, as principais teóricas usadas neste trabalho foram Elizabeth Foyster (2002), Linda Pollock (1998), Barbara Caine (1997) e Sandra Maria da Silva (2019), mulheres que dedicaram seus estudos a investigar a história e trajetória feminina na sociedade.

Palavras-chave: Literatura Inglesa. Jane Austen. Orgulho e Preconceito.

ABSTRACT

The 18th century was recorded in books and stories by several writers. Among them, we highlight Jane Austen, a great name in literature from this period. Through literature with a strong focus on female characters, she created stories that allow us to imagine how English society lived at that time. Thus, this work aims to analyze her work *Pride and Prejudice* (1813) - a novel in which the story of the Bennett family is told, which is composed of a husband, wife and five daughters. With this, we will go deeper into the identity of women through the discussion of the standards raised in the work, such as: the importance of marriage; the understanding of how women performed their role, as well as their life goals and obligations; understand what was the power and influence of patriarchy in society; and try to relate the work to feminism. Finally, the main theorists used in this work were Elizabeth Foyster (2002), Linda Pollock (1998), Barbara Caine (1997) and Sandra Maria da Silva (2019), women who dedicated their studies to investigating the history and trajectory of women in society.

Keywords: English Literature. Jane Austen. *Pride and Prejudice*.

¹ Aluna de graduação de Letras – Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I. E-mail: eduarda.hipolito@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Ao passar dos séculos, a literatura vem encantando e fazendo parte da vida de milhões de pessoas. Diversos autores foram imortalizados através de seus trabalhos, como é o caso da escritora inglesa Jane Austen (1775 - 1817). Esses autores utilizam suas obras para se expressarem e acabam refletindo aspectos da sociedade na qual vivem ou viveram. Desta forma, através da literatura, nós conseguimos acompanhar como as mudanças na sociedade são promovidas através dos anos.

Sendo assim, para melhor compreender a sociedade atual, precisamos entender como as coisas funcionavam no passado. Foi pensando nisso, que no decorrer da graduação, houve um grande despertar de interesse acerca de investigar o papel da mulher na sociedade inglesa. A união desse interesse e o amor pela literatura inglesa, em especial, à autora britânica Jane Austen culminou neste trabalho, que busca entender o papel da mulher na sociedade do século XVIII através de sua obra “Orgulho e Preconceito” (1813).

Nesta proposta de trabalho, nós objetivamos destacar três fatores que servirão como critério de análise da presente pesquisa: o casamento, no qual buscaremos compreender porquê casar era tão necessário para a mulher; o patriarcado, cujo conceito estudamos, de modo a buscar entender sua influência na vida das mulheres; o feminismo, cujo conceito iremos investigar a fim de relacioná-lo à sociedade da época.

Com base nesses conceitos, o presente trabalho vem com uma proposta de analisar uma obra publicada pela primeira vez no ano de 1813, e que se passa no ano de 1797, na sociedade aristocrática da Inglaterra. Desta forma, trazendo uma problemática acerca dos papéis impostos às mulheres daquela época, para assim desvendar qual o papel exercido pelas mesmas, como elas eram tratadas pela sociedade e como o meio as influenciava em seu modo de viver.

Todos esses pontos serão investigados através de padrões levantados na obra e embasados por teóricas, como Foyster (2002), Pollock (1998), Caine (1997), da Silva (2019) e Zardini (2011), (2013). Apesar de possuírem trabalhos distintos, estas autoras abordam temas como o feminismo e o patriarcado. Desta forma, elas nos apresentam seus pontos de vista através dos seus trabalhos, que estão vinculados a sociedades de diferentes décadas. Por fim, será apresentado o sumário dessas descobertas e se condizem com as expectativas prévias a este trabalho.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Propomos, nesta sessão, uma breve biografia da autora, assim como, o aprofundamento de questões presentes na obra. As discussões levantadas na fundamentação serão essenciais para o momento seguinte de análise.

2.1 Aspectos da obra e vida da autora

Nascida em 16 de dezembro de 1775, em Steventon, Hampshire - Inglaterra, Jane Austen foi uma escritora inglesa que viveu durante os séculos XVIII e XIX (1775-1817). Filha do reverendo George Austen e de Cassandra Austen, ela tinha seis irmãos e uma irmã. Lucy Worsley (2017) em sua obra *Jane Austen At Home, a Biography* relata que, para Austen, sua casa era um problema perene, tendo em

vista que, em meio a muitas tarefas domésticas de uma filha solteira, era difícil encontrar tempo para escrever.

Porém, com a morte de seu pai em 1805, ela foi forçada a ter uma vida improvisada. Worsley (2017) relata que, com um pequeno estoque de dinheiro ganho com a sua escrita, Austen passou a viver em alojamentos alugados e em casas de parentes que a usavam como uma babá de baixo custo.

Pertencente à baixa aristocracia, assim como a família Bennet, em “Orgulho e Preconceito” (1813), Austen sabia muito bem o que significava ser mulher naquela época. Apesar de ser criada em uma sociedade patriarcal, ela se expressava através de suas obras. Seus trabalhos com foco em personagens femininas fortes atraem admiradores até os dias de hoje. Segundo Brown (1973), Austen não era apenas uma romancista, ela trazia para os romances ingleses o que muitos críticos chamam de “tradição feminista”. Isto é, há conexões significativas entre os temas “feministas” abordados por Jane Austen e os pontos de vista feministas dos movimentos contemporâneos de libertação das mulheres.

Conhecida por obras como “Orgulho e Preconceito” (1813), “Razão e Sensibilidade” (1811) e “Emma” (1815), Austen causou e segue causando impacto na sociedade. Segundo Harper (2020 *apud* TODD, 2006) muitos indivíduos acreditavam que os romances de Austen precisavam fazer parte de um novo currículo educacional com foco na literatura. além disso, Austen foi comparada a Shakespeare na *Quarterly Review*².

Harper (2020) ainda fala que um estudo atual levanta a hipótese de que as obras “Orgulho e preconceito” (1813), “Mansfield Park” (1814) e “A Abadia de Northanger” (1817) influenciaram as atitudes da sociedade nas décadas de 1810 a 1910. Porém, a autora afirma que a intenção desse estudo é mostrar que a história e a literatura inglesa estão intimamente ligadas e que a influência de Jane Austen não foi totalmente abrangente, pois os seus leitores decidiram se era benéfico, ou não, serem influenciados por suas obras.

Por outro lado, suas obras, por muitas vezes, foram vistas apenas como romances adocicados, com uma forte romantização em torno do casamento. Um bom exemplo disso, é que, segundo Harper (2020 *apud* BAUTZ, 2007), em meados do século XIX, existiram diversos casos de pais escrevendo para suas filhas sobre prestar muita atenção às lições encontradas nas obras de Jane Austen, como por exemplo, a lição de que as mulheres são especialmente adequadas para o casamento. Devido a esse encorajamento acerca do casamento, os homens daquela época usaram as suas obras para incentivar a ideia de que as mulheres deveriam ser submissas aos homens. Deste modo, contornando a situação em seu favor, para que assim fosse reforçada a “superioridade masculina”.

Entretanto, seu trabalho ia além de apenas focar em casamentos. Para Zardini (2011), Austen foi além dessas perspectivas, pois ela conseguiu escrever sobre as relações humanas, os problemas das mulheres de sua época e ainda fez críticas à sociedade inglesa.

(...) a escritora demonstra sua opinião clara de que as mulheres devem ser levadas a sério, não somente por serem bonitas e elegantes, como protesta Elizabeth Bennet: “(...) não me considere uma mulher elegante que tem a intenção de atormentá-lo, mas uma criatura racional, falando a verdade do coração (...)” (ZARDINI, 2011, p. 11).

² Jornal literário e político da Inglaterra que circulou entre 1809 e 1967.

Austen escreveu sobre a realidade vivenciada pelas mulheres da sua época, sempre retratando o universo feminino de maneira única. Para Ascarelli (2004), é evidente o interesse de Austen na capacidade de raciocínio das mulheres. A autora acredita que, com um discurso indireto livre, Austen retrata suas heroínas de modo que elas mantêm uma aparência pública que poderia ser considerada “normal” para a época, enquanto avalia em particular a verdadeira natureza de uma situação, isto seria uma marca clara de uma pessoa pensante.

2.1.1 Seus personagens

Uma marca muito importante de Jane Austen são os seus personagens. De acordo com Evans (1986), a crítica literária inglesa descreve Austen como a autora literária perfeita pelo fato de conseguir descrever de forma vívida indivíduos tão específicos. A autora traz a reflexão de que Austen estava longe de ser tolerante com os personagens que criou, já que nem sempre eles eram simpáticos e atraentes, mostrando que ela, assim como suas personagens, tinha uma ótima capacidade de raciocínio.

Não há como descrever com precisão o que torna estes personagens tão únicos, mas, podemos entendê-los como um retrato da humanidade. Segundo Araújo Júnior (1999), a alma humana antes de ser "objeto" é também "sujeito" que se experimenta como "substância" pensante e conhece a possibilidade da liberdade rompendo com as determinações naturais. O autor complementa falando que, desse modo, o homem produz cultura, dá sentido para sua experiência empírica e constitui o universo simbólico do *ethos*³ que irá regular todas as ações humanas.

Ao interpretar os personagens de Austen através deste sentido de alma humana, conseguimos ter uma ideia do porquê eles são tão distintos, tendo em vista que suas ações são reguladas por um conjunto de costumes e hábitos. Austen nos envolve em um universo literário repleto de personagens característicos e cheios de opiniões, sempre nos fazendo obter uma nova percepção literária. Deste modo, passamos a compreender e imaginar, com riqueza de detalhes, como funcionava a sociedade Inglesa do século XVIII.

2.2 Um olhar sobre a relação entre a mulher e o casamento no século XVIII

Para Brown (1985), é nítido que grande parte dos personagens de Austen se casaram por razões econômicas. Isto se confirma na história pelo fato de que as mulheres daquela época não tinham direito à herança deixada por seus pais e/ou maridos. Levando isto em consideração, podemos entender o motivo pelo qual a Sra. Bennet - a matriarca de “Orgulho e Preconceito” (1813) - almeja casar todas as suas filhas. De certo modo, ela teme que quando o Sr. Bennet venha a falecer, ela e suas filhas venham a ficar desamparadas.

Ao avançar a narrativa, percebemos que a obsessão da mãe em casar as filhas se dá porque, de acordo com a morgadia, lei que impede a passagem

³ No sentido dicionarizado, o termo *éthos* (grafado com épsilon) refere-se a um conjunto de costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres, etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região. (LOCKMANN, p. 34, 2016)

da herança para as mulheres, as filhas do casal Bennet não seriam beneficiadas com a herança do pai após a morte deste. (DA SILVA, 2019, p. 83 e 84)

As mulheres não terem direito à herança é um dos traços de uma sociedade extremamente patriarcal. Para Rocha (2009), o patriarcado determinou que as mulheres fossem “inferiores”, submissas aos homens; já os homens, seriam “superiores” e dominadores. Sendo esta ideia tão disseminada e aceita naquele tempo, não poderiam as mulheres serem donas do seu próprio destino e de sua independência. Desta forma, o único meio de sucesso para uma mulher, seria o casamento. Por esta razão, as mulheres eram criadas e educadas para o matrimônio.

Segundo da Silva (2019), a posição social da mulher naquele tempo não era nada favorecida pela lei. As mulheres eram basicamente obrigadas a casar para ter um futuro economicamente estável garantido. Era proibido qualquer meio que viesse a trazer uma independência financeira para a mulher. Isto só reforça o motivo de haver uma “corrida” em busca de casamentos.

Além da preocupação com a garantia de um bom casamento, as mulheres daquela época também tinham que se preocupar com a idade na qual elas iriam selar esta “obrigação”. Um claro exemplo disso na obra é Charlotte Lucas, melhor amiga de Elizabeth Bennet. A personagem já possuía 27 anos e ainda era solteira. Caso não se casasse o mais rápido possível ela teria que depender da boa vontade dos seus irmãos homens após a morte de seu pai. Graças ao Sr. Collins, ela teve a oportunidade de mudar o seu destino. Após ser rejeitado por Elizabeth, o Sr. Collins pediu a Srta. Lucas em casamento.

Charlotte pretende garantir o seu futuro econômico, enquanto que William Collins tem a pretensão de casar para consolidar o acordo com lady Catherine, sua protetora que lhe concede o benefício eclesiástico (...) O matrimônio lhe concederá assim a garantia de ser visto como um homem digno de permanecer em um cargo que o mantém economicamente estável. (DA SILVA, 2019, p. 87)

Levando em consideração todo o contexto histórico apresentado, entendemos que o papel da mulher já era pré-determinado desde a infância. De acordo com Rocha (2009) as mulheres nasciam com o destino traçado, elas eram moldadas para exercer os papéis de esposas zelosas, boas donas de casa e mães dedicadas em tempo integral. Sendo assim, para as moças que não quisessem ter um futuro precário e instável não restariam outras alternativas que não fossem o casamento.

2.3 O poder do patriarcado sobre a mulher

Atualmente o conceito de “patriarcado” está vinculado, principalmente, a um sistema no qual o homem mantém um papel de autoridade e de poder primário. McKeon, na sua obra *“Historicizing patriarchy: The emergence of gender difference in England, 1660-1760”* (1995), apresenta-nos um conceito de patriarcado relacionado ao conjunto de ideias e práticas sociais implicadas na analogia entre a família e o Estado. Desse modo, havendo uma espécie de hierarquia “vertical” na qual o poder começa no Estado — com seus líderes, homens — e passa de pai para filhos homens ou parentes homens mais próximos.

Na questão de poder, as mulheres ficavam por último, não tinham sequer sobre si mesmas. Não se quisessem fazer parte da sociedade. Um exemplo disso, segundo Foyster (2002), é que no ano de 1771, na Inglaterra, foi declarado que se uma esposa fizesse o uso indevido de sua liberdade, desperdiçando os bens do seu marido, ou mantendo más companhias, seria legal que o seu marido a deixasse sob restrição. Em outras palavras, a mantivesse presa. O marido possuía a custódia da esposa. Então, se alguém lhe desse refúgio, ele teria o direito de pedir um *habeas corpus* contra a pessoa que estivesse ajudando-a.

Foyster (2002) mostra em seu trabalho que alguns maridos não se contentavam em prender suas mulheres em casa. Alguns deles foram adiante e confinaram suas esposas em hospícios particulares. Antes de 1774 não havia uma regulamentação. Então, os maridos não precisavam provar que suas esposas estavam loucas. Sendo assim, o homem que possuísse meios, não teria problema em se livrar de sua companheira. E a mulher, mais uma vez, sem poder algum sobre si.

Alguns maridos levaram os seus direitos um passo adiante e tentaram confinar suas esposas sãs em hospícios particulares. Registros de disputas matrimoniais mostram que maridos furiosos ameaçaram mandar suas esposas para Bedlam, nome popular dado ao Hospital Bethlem, que tratava de pessoas loucas em Londres. (FOYSTER, 2002, p. 45, tradução nossa⁴)

Apesar disso, um fato que deve ser mencionado é que as mulheres não deviam obediência a todo e qualquer homem. Segundo Pollock (1998), as mulheres no século XVII já casavam sabendo que deviam obediência aos seus maridos; caso ainda não fossem casadas, deveriam obedecer aos seus pais; mas não a outro homem. Deste modo, percebemos que, mesmo não devendo obediência a todos os homens, o conceito de ser mulher era claramente ligado à palavra “obediência”.

Pollock (1998) acredita que havia muitos obstáculos para a implementação do poder patriarcal, uma vez que as mulheres tinham o que podemos chamar de “subordinação limitada”. A autora fala que em alguns casos as mulheres resistiam à essa autoridade patriarcal; assim como os homens, em alguns casos, não tinham capacidade ou recursos para comandar as mulheres. Outro ponto mencionado são as crianças, que à medida que cresciam, os pais, aos poucos, iam perdendo o poder sobre elas. Dessa forma, o poder patriarcal não era plenamente exercido pelos patriarcas nos seus âmbitos familiares.

O chefe da família jamais poderia ter o poder patriarcal por completo, pois mesmo no momento da posse, ele permanece em essência uma entidade em transição, algo a ser repassado ao herdeiro. (POLLOCK, 1998, p. 5, tradução nossa⁵)

Não dá para negar que o patriarcado faz parte da história do mundo. Suas definições abrangem as ideias de diversos teóricos que buscam definir momentos e

⁴ Some husbands took their perceived rights one step further and attempted to confine their sane wives in private madhouses. Records of marriage disputes show that angry husbands had long threatened to send their wives to Bedlam, the popular name given to Bethlem Hospital, which treated the insane in London. (FOYSTER, 2002, p. 45)

⁵ The head of household could never have patriarchal power completely since even in the moment of possession, it remains in essence an entity in transition, something to be passed on to the heir. (POLLOCK, 1998, p. 5)

períodos da história. Walby faz parte desse grupo de teóricos, e, com seu trabalho *“Theorizing Patriarchy”* (1989), nos dá uma definição mais atualizada acerca do assunto. Para a autora, o patriarcado é um sistema de estruturas sociais e práticas nas quais os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres. O uso do termo “estrutura social” é de extrema importância nesse contexto, visto que a sociedade se organiza de uma forma na qual os homens estão em uma posição dominante, enquanto as mulheres estão em uma posição subordinada.

Além disso, segundo Walby (1989), historicamente o patriarcado estabelece formas corretas de conduta para homens e mulheres. A autora nos informa que o policiamento dessas condutas são variáveis, desde a queima na fogueira de mulheres que assumiram muito poder e eram consideradas “bruxas”, até o incentivo a culpa sobre sexo extraconjugal em confessionários.

Por fim, Walby (1989) conceitua o patriarcado em níveis diferentes. O primeiro seria um nível mais abstrato o qual existiria como um sistema de relações sociais. No próximo nível o patriarcado é composto por algumas estruturas: o modo de produção patriarcal; relações patriarcais no trabalho remunerado; relações patriarcais no estado; violência masculina; relações patriarcais na sexualidade; relações patriarcais em instituições culturais, como religião, mídia e educação. Para Walby (1989), é perfeitamente possível identificar práticas patriarcais dentro de cada um desses segmentos. Em suma, a definição de patriarcado muda ao longo do tempo. Porém, ele sempre está presente na estrutura da sociedade.

2.4 O Feminismo na sociedade inglesa

O termo “feminismo” vem sendo bastante usado nos últimos anos. Segundo Caine (1997), nos dias atuais é evidente a percepção de que as ideias e os debates feministas foram elaborados nos últimos três séculos. Por outro lado, o seu significado tornou-se mais complexo e quase impossível de explicar com qualquer grau de certeza. Para a autora, antes se entendia que o feminismo era uma preocupação em obter a igualdade em direitos políticos e legais; hoje em dia, essa explicação cobre uma pequena parte do termo.

Atualmente, ainda segundo a autora, as preocupações feministas estão mais direcionadas à opressão sexual das mulheres; nas diferenças sexuais; na exploração do que é ser e viver como uma mulher; a fala e a representação. Mas os ideais feministas nem sempre foram os mesmos. Caine (1997) acredita que o feminismo já existia muito antes do final do século XVIII; mas foi nessa época que a estrutura dos protestos das mulheres contra as injustiças que viviam sofreu uma mudança significativa. As preocupações com a exclusão das mulheres da educação e da autoridade religiosa e cívica estavam sendo substituídas pelo reconhecimento de que a opressão das mulheres só poderia ser tratada por meio de mudanças jurídicas, políticas e sociais.

O feminismo não é, de forma simples ou direta, um reflexo da situação prevaiente das mulheres. Nem a história do feminismo é uma história geral das mulheres. Às vezes, o estudo do feminismo requer um reconhecimento da importância de novas possibilidades e de potenciais mudanças e desenvolvimentos, mesmo que nunca tenham sido totalmente percebidos. Em nenhum lugar a importância da mudança potencial é mais

acentuada do que no final do século XVIII (...) (CAINE, 1997, p. 4, 5, tradução nossa⁶)

Hicks (2015) mantém suas ideias bem alinhadas com Caine. Para ele, apesar do termo “feminismo” surgir apenas no século XIX, historiadores e estudiosos da área da literatura encontraram uma agenda ampla para o feminismo na Grã-Bretanha do século XVIII. Pedia-se respeito, honra, oportunidades educacionais, reformas para proteger as mulheres de maridos abusivos, controle sobre propriedades, controle sobre filhos e mais um leque de reivindicações. Ainda segundo o autor, os escritores que abordaram ideias feministas usavam da linguagem cartesiana para justificar suas ideias. Como por exemplo, o uso da Bíblia para justificar que Deus e a natureza havia dotado as mulheres com as mesmas mentes, almas e sentidos que os homens.

Caine (1997) acredita que a luta pelos direitos das mulheres no final do século XVIII serviu de base para a estruturação do feminismo moderno. De acordo com a autora, o surgimento do feminismo está atrelado à ampla gama de mudanças sociais e econômicas trazidas pela industrialização e urbanização naquela época. Mas foi apenas com a agitação causada pela Revolução Francesa que os debates sobre os direitos políticos e cidadania trouxeram a primeira discussão extensa sobre a emancipação das mulheres e sobre as preocupações centrais do feminismo moderno.

Apesar de não haver nenhum movimento que possa ser considerado das mulheres no século XVIII, Caine (1997) pontua que houve debates e discussões sobre a natureza, os direitos e as responsabilidades das mulheres. Além disso, a autora nos atenta à importância trazida por alguns estudiosos da literatura acerca da necessidade de reconhecer as preocupações e os impulsos feministas claramente evidenciados nas obras de grandes escritoras daquela época; como por exemplo, Jane Austen.

Trabalhos como os de Austen, ainda segundo Caine, levantam muitas questões sobre a necessidade de reconhecer a sexualidade das mulheres e os seus desejos autônomos. Além de trazer fatos importantes para debate, como a possibilidade de igualdade no casamento e nas relações domésticas e a importância da educação dada às mulheres desde a infância. Essas representações literárias de mulheres feitas por mulheres assumem uma grande importância, primeiramente pelo fato de mulheres escritoras assumirem a literatura como profissão em uma época que isso era incomum; e também pelo fato de que somente uma mulher sabe descrever como é ser uma mulher na sociedade em que vive.

3 METODOLOGIA

A abordagem desta pesquisa é de caráter qualitativo, tendo em vista que, Gerhardt e Silveira (2009) descrevem como qualitativa aquela pesquisa que não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da

⁶ Feminism is not in any simple or direct way a reflection of the prevailing situation of women. Nor is a history of feminism a general history of women. Sometimes the study of feminism requires a recognition of the importance of new possibilities and of potential changes and developments, even if they were never fully realized. Nowhere is the importance of potential change more marked than in regard to the late eighteenth century (...) (CAINE, 1997, p. 4, 5)

compreensão de um grupo social, ou organização, ou similares. Neste tipo de pesquisa, o pesquisador é ao mesmo tempo sujeito e objeto de sua pesquisa.

Ainda de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa se preocupa com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados; se concentrando assim na compreensão e na explicação da dinâmica das relações sociais. Neste caso, o objetivo desta pesquisa qualitativa é produzir informações aprofundadas para a produção de conhecimento e para o compartilhamento de informações.

Algumas das características desse tipo de pesquisa presentes neste trabalho são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; orientações teóricas e dados empíricos. Em relação aos objetivos, esta é uma pesquisa descritiva. Aqui fazemos o estudo e a interpretação dos fatos do mundo, sem a interferência dele.

A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987 *apud* GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 35).

Por conseguinte, ainda de acordo com a leitura do trabalho de Gerhardt e Silveira (2009), a natureza desta pesquisa é de caráter básico pelo fato de objetivar a geração de conhecimentos novos e úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais. Os procedimentos desta pesquisa são de caráter bibliográfico:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas “já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, página de *web sites*” (Matos e Lerche:40) sobre o tema a estudar (FONSECA, 2002, p. 31).

Portanto, por meio desta pesquisa qualitativa do tipo descritiva e de natureza bibliográfica, será possível apresentar reflexões acerca do papel das mulheres no século XVIII, a partir de uma análise da obra “Orgulho e Preconceito” (2011), trazendo, deste modo, um estudo sobre questões atemporais como o casamento, o patriarcado e o feminismo.

No primeiro momento, faremos uma análise sobre o casamento utilizando trechos retirados do livro à luz das teorias de da Silva (2019). Desta forma, mostraremos o porquê que o casamento era algo tão esperado pelas mulheres naquela época. No segundo momento, faremos uma análise sobre o patriarcado, novamente utilizando trechos da obra, desta vez, à luz das teorias de Rocha (2009), Pollock (1998), da Silva (2019) e Zardini (2013). Assim, mostrando a forte interferência do patriarcado na vida das mulheres. Posteriormente, faremos uma análise sobre o feminismo usando as teorias de Zardini (2013), Caine (1997) e Oliveira (2015). Neste momento, faremos uma associação entre o feminismo e a obra através da personagem Elizabeth Bennet.

Por fim, para a realização da pesquisa foi necessário, primeiramente, a leitura da obra “Orgulho e Preconceito” (2011), de Jane Austen, seguida por leituras constituídas por conteúdos relacionados à temática do trabalho, no caso, casamento, patriarcado e feminismo - em especial, no século XVIII. Desta forma,

tornando possível relacionar teoria e obra. Outrossim, este trabalho foi escolhido devido a afinidade com as produções da autora, em especial, a obra em questão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste momento, realizamos uma análise acerca dos 3 critérios descritos acima - casamento, patriarcado e feminismo - identificando-os através de excertos em trechos da obra “Orgulho e Preconceito” (2011) e relacionando-os com a obra.

4.1 Casamento

A partir da primeira frase apresentada na obra “Orgulho e Preconceito” (2011) é possível ter uma ideia da visão de mundo da sociedade naquela época: “*É uma verdade universalmente reconhecida, que um homem solteiro, de posse de boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa*” (AUSTEN, 2011, p. 103). A Sra. Bennet, mãe da família Bennet, passa toda a história em busca de maridos para suas filhas. Ela educa as meninas para que consigam arrumar um bom casamento, fato este que é percebido desde o primeiro diálogo da história, no qual a Sra. Bennet relata ao seu marido, com bastante euforia, sobre a chegada do Sr. Bingley:

Excerto 1

(...) “Pois bem, meu querido, a senhora Long disse que Netherfield foi alugada por um rapaz muito rico do norte da Inglaterra” (...)
 “Como ele se chama?”
 “Bingley.”
 “É casado ou solteiro?”
 — Ora, solteiro, meu querido, é claro! Um rapaz solteiro e riquíssimo; quatro ou cinco mil libras por ano. Que maravilha para as nossas meninas!” (AUSTEN, 2011, p. 103)

Neste trecho, podemos perceber que há uma enorme expectativa na Sra. Bennet em conseguir casar suas filhas. Também é notável que a boa condição financeira do Sr. Bingley tem forte influência nas pretensões da Sra. Bennet. Isso se deve ao fato de que as mulheres não tinham direito à herança naquela época. Da Silva (2019) deixa isso bem claro ao dizer que as mulheres eram basicamente obrigadas a casar para garantir uma boa estabilidade financeira.

Este fato também é evidenciado em outro momento da obra, quando a Srta. Charlotte Lucas decide se casar com o Sr. Collins:

Excerto 2

(...) Com certeza o senhor Collins não era sensato nem simpático; era socialmente maçante, e sua afeição por ela deveria ser imaginária. Mas ainda assim seria o seu marido. Sem nunca haver sonhado muito alto com esposo e matrimônio, casar-se sempre fora seu objetivo; era a única saída honrada para mulheres bem-educadas de poucos recursos (...) (AUSTEN, 2011, p. 247, 448)

Neste trecho, podemos notar a necessidade que Charlotte sentia em se casar. Ela não achava o Sr. Collins uma pessoa agradável, não gostava sequer de sua companhia. Mesmo assim, resolveu casar com ele para realizar o seu sonho de matrimônio. A personagem sabia que sua felicidade era incerta, mas via no casamento uma forma de proteção contra a necessidade. Ela não tinha ilusões

relacionadas ao matrimônio e não podia esperar mais porque já tinha 27 anos e estava correndo o risco de ficar muito velha para casar.

Segundo da Silva (2019), a decisão urgente de Charlotte explicita a condição do ser feminino caso não encontre pretendentes para desposá-la. Esse fato pode torná-la uma criatura rebaixada na sociedade, será rotulada de incapaz e incompetente por não ter conquistado um marido. Deste modo, Charlotte viu no Sr. Collins uma oportunidade de se estabelecer financeiramente. Da Silva (2019) nos guia em uma reflexão acerca das motivações de Charlotte ao dizer que, com o casamento, ela pretendia garantir o seu futuro econômico. O matrimônio traria para ela a segurança de uma estabilidade financeira. Com isto, podemos notar o porquê que o interesse no casamento era algo tão comum para mulheres daquela época; era necessário que houvesse o matrimônio para as mulheres conseguirem uma vida economicamente estável.

4.2 Patriarcado

A presença do patriarcado é algo bastante recorrente na obra. Um bom exemplo é a situação da família Bennet e do Sr. Collins, no qual conseguimos notar traços de superioridade do homem e de inferioridade da mulher a partir do momento que a Sra. Bennet questiona o fato dela e suas filhas não terem direito aos bens da família após a morte do Sr. Bennet:

Excerto 3

(...) “Não me parece a coisa mais impossível do mundo que seu dinheiro escape das mãos das suas próprias filhas; e tenho certeza de que, se eu fosse você, teria tentado há muito tempo fazer algo a respeito”
Jane e Elizabeth tentaram explicar à mãe a natureza da herança inalienável. Já haviam tentado várias vezes antes, mas era um assunto além da compreensão da senhora Bennet (...) (AUSTEN, 2011, p. 175)

Rocha (2009) nos diz que o patriarcado determinava as mulheres como inferiores e os homens como superiores. Esta ideologia pode ser um dos motivos do porquê as mulheres não terem direito à herança. Além disso, Pollock (1998) nos diz que todo o poder da família era concentrado no chefe da família; esse poder era herdado de pai para filho. No caso da família Bennet, não havia filhos homens, logo, suas filhas e esposas eram impossibilitadas de herdar qualquer tipo de poder. Da Silva (2019) menciona que Watt (2007) acreditava que a posição legal das mulheres neste período ainda era regida de acordo com os preceitos patriarcais do direito romano, “qualquer bem que a mulher tivesse, por exemplo, tornava-se propriedade do marido, embora fosse costume este fazer-lhe uma doação da qual, porém, ela só usufruía na viuvez”.

De acordo com Zardini (2013), a lei apoiava o direito de primogenitura apenas se o filho fosse do sexo masculino, caso a família não tivesse varões, a herança seria transmitida ao parente masculino mais próximo, facilitando assim, que todas as propriedades e fontes de renda da família ficassem sempre em nome da mesma, por várias gerações. Deste modo, através das informações presentes nesta parte da análise, conseguimos perceber que a vida das mulheres sofria limitações determinadas pela influência do patriarcado na sociedade.

4.3 Feminismo

Segundo Zardini (2013), estudiosos tentaram traçar um paralelo entre os livros de Austen e o feminismo durante os últimos trinta anos. No trecho a seguir, buscamos identificar a presença do feminismo durante a revolta da Sra. Bennet após a atitude contestadora de Elizabeth em recusar o pedido de casamento do Sr. Collins:

Excerto 4

(...) “Eis que ela surge”, continuou a senhora Bennet, “despreocupada, não se importando conosco, como se estivéssemos em York, contanto que tudo seja feito segundo a vontade dela. - Mas eu estou lhe dizendo, senhorita Lizzy, se puser na cabeça isso de recusar toda proposta de casamento desse jeito, nunca vai arranjar marido - e eu lhe digo, não sei quem vai sustentar você quando seu pai morrer.” (...) (AUSTEN, 2011, p. 236)

Segundo Caine (1997), os impulsos feministas são bastante evidenciados em obras como a de Austen. No caso deste trecho, a atitude de Elizabeth é revolucionária para a época. Uma mulher recusar um pedido de casamento era algo fora do comum. Lizzy, como era carinhosamente chamada pela família, não cedeu à pressão que a sociedade patriarcal fazia sobre ela, pelo contrário, ela tinha opinião própria e destoava dos estereótipos das mulheres daquela época. A sua forte personalidade não a deixaria se colocar em uma situação na qual a sua felicidade fosse incerta.

Segundo Oliveira (2015) Sob o ponto de vista da sua visão de casamento ideal (moderna), Lizzy é uma heroína à frente de seu tempo, pois recusa o pedido de Mr. Collins por se tratar apenas de um arranjo familiar para que a herança de seu pai não saísse das mãos da família

Caine (1997) cita que trabalhos como o de Austen nos mostram a necessidade de reconhecer questões femininas, como por exemplo, o desejo autônomo das mulheres. Neste caso, o desejo de Elizabeth era casar por amor, ela não se casaria por nenhum outro motivo. Ainda segundo a autora, o estudo do feminismo requer um reconhecimento da importância de novas possibilidades. Neste caso, Elizabeth agiu por vontade própria, dessa forma, aumentando o leque de possibilidades para a sua própria vida. Ela saiu do óbvio - aceitar o pedido de casamento - e arriscou mudar o seu futuro, mesmo que isso fosse contra os costumes da sociedade de sua época.

5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente trabalho nos possibilitou um estudo acerca do papel da mulher na sociedade do século XVIII, assim como a compreensão da relação com os valores sociais da época, sob os quais as mulheres estavam sujeitas a viver. Todas essas questões foram abordadas por meio de uma análise concernente ao casamento, ao patriarcado e ao feminismo.

Ao se analisarem os tópicos citados, foi possível fazer uma conexão entre a teoria e a obra. No que diz respeito ao casamento, conseguimos compreender que as mulheres não tinham outra opção que lhes garantisse um futuro estável que não fosse o matrimônio. Por não terem direito à herança e não terem direito a trabalhos dignos, o destino das mulheres estava limitado ao casamento.

No que diz respeito ao patriarcado, conseguimos compreender que todos os aspectos culturais relacionados à mulher do século XVIII tem alguma relação com este. Ademais, também nos é evidente a submissão da mulher em relação à figura patriarcal. Seja de filhas para pai ou de esposa para marido. Além disso, também podemos notar que o patriarcado está historicamente presente na sociedade.

No que se refere ao feminismo, podemos compreender o seu conceito e entender que apesar do termo só surgir no século XIX, suas reivindicações já eram encontradas em textos do século XVIII. No caso da obra de Austen, podemos encontrar personagens femininas fortes e cheias de opinião própria. Deste modo, demonstrando alguns aspectos que podem estar ligados ao movimento feminista.

Por fim, as expectativas prévias foram alcançadas, levando em consideração que conseguimos destrinchar os temas propostos a fim de relacioná-los com o papel desempenhado pelas mulheres na sociedade aristocrática do século XVIII, desta forma, cumprindo com o seu objetivo. Por último, entendemos que através desta pesquisa é possível realizar novas possibilidades de estudo sobre a obra, assim como, relacionar os temas centrais a pesquisas que abordem o casamento, o patriarcado e o feminismo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO JÚNIOR, Anastácio Borges de. **Platão e Freud: duas metáforas da alma humana**. 1999. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

ASCARELLI, Miriam. A Feminist Connection: Jane Austen and Mary Wollstonecraft. **Persuasions: The Jane Austen Journal On-Line**, v. 25, n. 1, 2004.

AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Editora Companhia das Letras, 2011.

BROWN, J. P. **A Reader's Guide to the Nineteenth Century English Novel**. New York: EDITORA MACMILLAN, 1985.

BROWN, Lloyd W. Jane Austen and the feminist tradition. **Nineteenth-Century Fiction**, v. 28, n. 3, p. 321-338, 1973.

CAINE, Barbara. **English Feminism, 1780-1980**. OUP Oxford, 1997.

DA SILVA, Sandra Maria Gonçalves. ORGULHO E PRECONCEITO: UMA ABORDAGEM SOBRE O CASAMENTO COMO CERCEAMENTO À MULHER DO SÉCULO XVIII/ORGULHO E PRECONCEITO: AN APPROACH TO THE RESTRICTION OF THE MARRIAGE OF THE WOMEN OF THE XVIII CENTURY. **Revista Athena**, v. 17, n. 2, 2019.

EVANS, Mary. Jane Austen's feminism. In: **Women's Studies International Forum**. Pergamon, 1986. p. 313-321.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOYSTER, ELIZABETH (2002). **At the limits of liberty: married women and confinement in eighteenth-century England**. *Continuity and Change*, 17(1), –. doi:10.1017/s0268416002004058

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

HARPER, Bethany S. **The Influence of Jane Austen's Works on Societal Attitudes Regarding Women and Marriage, Education, and Slavery from the Early Nineteenth to Twentieth Centuries**. Department of History and Department of English, California State University, Stanislaus, 2020.

HICKS, Philip. Women worthies and feminist argument in eighteenth-century Britain. **Women's History Review**, v. 24, n. 2, p. 174-190, 2015.

LOCKMANN, Kamila. As práticas de inclusão por circulação: formas de governar a população no espaço aberto. **Cadernos de Educação**, n. 55, 2016.

MCKEON, Michael. Historicizing patriarchy: The emergence of gender difference in England, 1660-1760. **Eighteenth-Century Studies**, v. 28, n. 3, p. 295-322, 1995.

OLIVEIRA, Mariana Amaral. **Orgulho & preconceito: um estudo da mulher na sociedade da Inglaterra provinciana do século XVIII**. 2015.

POLLOCK, Linda A. Rethinking patriarchy and the family in seventeenth-century England. **Journal of Family History**, v. 23, n. 1, p. 3-27, 1998

ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WALBY, Sylvia. Theorising patriarchy. **Sociology**, v. 23, n. 2, p. 213-234, 1989.

ZARDINI, Adriana Sales. A Identidade Feminina na obra Orgulho e Preconceito de Jane Austen. **Anais do SILEL**, v. 3, n. 1, 2013.

ZARDINI, Adriana Sales. O universo feminino nas obras de Jane Austen. **Em Tese**, v. 17, n. 2, p. 156-169, 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, Edilson, que investiu na minha educação e me incentivou a seguir no curso desde o início. A minha madrasta, Vitória, que sempre têm a palavra certa a me dar. A minha irmã, Érica, a quem eu busco sempre servir de exemplo.

Agradeço a minha avó/mãe Neci, mulher doce e guerreira que me criou e me viu crescer, que me moldou e é minha inspiração e que infelizmente se foi uma semana antes da minha banca. Eu te amo muito, vovó. Tudo que eu conquisto é pela sua honra. Enquanto eu respirar, a senhora viverá em mim!

Agradeço à minha “mãedrinha”, Tantica, que estive presente desde o segundo que nasci, me dando apoio e me incentivando a sempre ser uma pessoa melhor. A minha tia, Diá; meu padrinho Robson; meus avós, Nequinho e Maria por sempre estarem ao meu lado.

Agradeço à minha prima Heloyse, por aguentar meus surtos e ser minha parceira durante esses 4 anos morando em Campina. A Dalbert, meu colega de apartamento, por fazer eu esquecer dos problemas da faculdade enquanto estava discutindo com ele por besteira. A minha sogra, Meiriane, por sempre estar se deslocando para Campina para nos ajudar e por ser uma pessoa que eu sei que posso contar.

Agradeço ao meu noivo, Daniel, por nunca soltar minha mão e por estar ao meu lado nos melhores e nos piores momentos da minha vida. Por ter me ajudado a nunca desistir, por ter secado todas as minhas lágrimas e por ter me proporcionado os sorrisos mais verdadeiros,. Muito obrigada, meu amor!

Ao meu orientador, Prof. Me. Joselito Porto de Lucena, por ter me auxiliado durante o desenvolvimento deste trabalho e por toda a sua disponibilidade dentre tantas outras atividades. A Prof. Ma. Marilia Bezerra Cacho, por ter me auxiliado a iniciar este trabalho ainda na matéria de Pesquisa Aplicada.

E a todos que aguentaram o meu humor caótico durante a realização desta pesquisa.

A todos vocês, meu muito obrigada!